

CLEPUL
em Revista

5

Julho de 2015

Grande Prémio de Ensaio “Eduardo Prado Coelho”

Manuel Frias Martins, investigador do CLEPUL, foi galardoado com o Grande Prémio de Ensaio “Eduardo Prado Coelho” com a obra *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*.

Este Prémio é atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores com o patrocínio integral da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e refere-se a livros publicados em 2014. O júri desta edição foi constituído por António Pedro Pita, Helena Vasconcelos e José Cândido Martins.

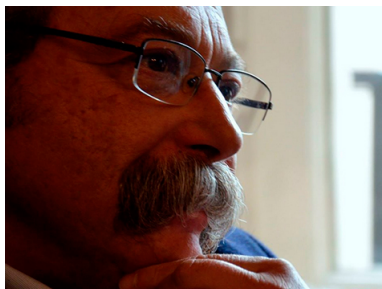
Manuel Frias Martins é doutorado em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa. É professor da Faculdade de

Letras de Lisboa e há vários anos director do seu Programa de Mestrado e Doutoramento em Cultura e Comunicação. É crítico literário com inúmeras colaborações em jornais, revistas e programas radiofónicos, sendo actualmente vice-presidente da Associação Portuguesa de Críticos Literários. Foi um dos fundadores do grupo Quatro Elementos Editores.

É autor dos seguintes livros de ensaios: *Sombras e Transparências da Literatura*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983; *Herberto Helder, Um Silêncio de Bronze*, Lisboa, Livros Horizonte, 1983; *10 Anos de Poesia em*

Portugal: 1974-1984 – Leitura de uma Década, Lisboa, Editorial Caminho, 1986; *Matéria Negra. Uma Teoria da Literatura e da Crítica Literária*, Lisboa, Edições Cosmos, 1983 (2ª ed. 1995; Prémio PEN Clube de Ensaio); *As Trevas Inocentes*, Lisboa, Aríon, 2001; *Em Teoria (A Literatura) / In Theory (Literature)*, Porto, Âmbar, 2003.

Traduziu e prefaciou várias obras, destacando-se os poemas longos *L’Allegro* e *Il Penseroso*, de John Milton (Lisboa, Editorial Inquérito, 1987) e *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom (Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 1997).



Academia(s) em Interface

Em tempo de globalização, estão a desenvolver-se redes de comunicação, de conhecimento e de trabalho, dinâmica responsável pela profunda transformação da cultura contemporânea. A relação entre gerações, instituições, disciplinas, saberes e nacionalidades promove o que já se designa por «efeito medicci» (Frans Johanson): a inovação gera-se no interface entre a memória e a prospectiva nesses espaços antes tendentes à clivagem da especialização.

ACADEMIA(S) EM INTERFACE é um ciclo de encontros que visa dar visibilidade a esse diálogo multimodal, promovendo a reflexão e a participação nele. A Academia, tradicional sede da investigação e da formação, é uma das grandes protagonistas desse diálogo: na e entre a diversidade que a constitui (universidade ou sociedade científica e/ou cultural, departamentos ou centros de investigação, etc.), no seu intercâmbio com outras

instituições (estatais ou privadas, de empresas a ONGs, etc.), vai contribuindo para essa alteração da cultura colectiva. A **Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**, a **Academia Lusófona Luís de Camões**, a **Sociedade Histórica da Independência de Portugal** e a **FNAC Colombo**, com o apoio de Letras Com(n)Vida, plataforma interinstitucional da cultura portuguesa, em parceria, promovem, pois, este ciclo coordenado por Annabela Rita & Pedro Saraiva, convidando à participação e à divulgação de iniciativas. As **sessões mensais** (sempre às **quintas-feiras, 18h30m**), em geral, com temas em que não se confinam (Lusofonia, Cursos, Congressos, Edições... e Etc.), consagram o anúncio de iniciativa, seguindo-se uma palestra de especialista ou uma apresentação de obra e concluindo com um *happening* musical ou poético.

04/06/2015: Estágios, Voluntariado & Etc.

Participações: Ana Prosérpio, Denise Moura, Francisco Nuno Ramos, Marta Ferreira, Patrícia Costa, Simão Carvalho.

Apresentação: “Cartografia da Lusofonia”, por Francisco Nuno Ramos (lançamento).

Happening: “Os Epígrafes”.

09/07/2015: Cursos & Etc.

Participações: Ana Isabel Vasconcelos, Ana Maria Lopes e Denise Moura.

Lançamento: *Correspondência Diplomática de Almeida Garrett*, por Ana Isabel Vasconcelos e Duarte Ivo Cruz.

Apresentação: “Ciência & Ética” (J. Paiva Boléo-Tomé).

Happening: “Os Epígrafes”.

A sessão de 24/09/2015, dedicada a encontros científicos, anunciará Seminários 100 *Orpheu*,

o Curso Geral, Congressos e a Noite Europeia dos Investigadores. Depois, será a vez de uma apresentação sobre

a “Canção de Coimbra” (título da obra dos autores), com a participação da Associação de Antigos Estudantes de Coim-

bra em Lisboa e um apontamento musical da banda “Nau Catrineta”.

Annabela Rita

**AGENDA
FNAC**
ENTRADA LIVRE

APRESENTAÇÃO

ACADEMIA(S) EM INTERFACE

Díálogos e colaborações possíveis, desejáveis e em processo. Das conferências e dos cursos aos estágios e voluntariado em ambas: alguns casos.
Coordenação: Annabela Rita & Pedro Saraiva

Intervenções:
Banda “Nau Catrineta”
Grupo “Os Epígrafes”

LETRAS
convida

FLUL
LETRAS
LISBOA

Roger Chartier e o mito de Inglaterra

Foi durante o XIV Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), realizado entre os dias 29 de Junho e 3 de Julho do corrente ano em Belém do Pará, que o Professor Doutor Luiz Eduardo Oliveira, autor de *O Mito de Inglaterra: Anglofilia e Anglofobia em Portugal (1386-1986)*,

cientificamente cancelado pelo CLEPUL, se encontrou com o célebre historiador francês Roger Chartier. Este mostrou-se muito interessado pelo trabalho, dado o seu interesse, sobretudo nos seus últimos trabalhos, no processo de edição e impressão da obra de Shakespeare. Segundo o professor sergipano, o encontro

rendeu uma importante troca de informações, havendo a possibilidade da participação de Roger Chartier no Congresso Internacional Culturas em Negativo, a ser realizado na Universidade do Minho, em Braga, entre os dias 1 e 3 de Outubro do corrente ano.



A espiritualidade da acção de Vieira

José Eduardo Franco proferiu, no colóquio internacional “El Mundo Ibérico en la Edad Moderna”, realizado nos dias 3 a 5 de Junho na Facultad de Letras da Universidad Autónoma de Barcelona, uma conferência intitulada «Companhia de Jesus: uma Ordem de fronteira nas fronteira das Ordens Religiosas. O caso da espiritualidade da acção do jesuíta António Vieira».

A ordem fundada por Inácio de Loyola com o nome de Companhia de Jesus em 1540 apresentou-se com características especiais que revolucionaram a estrutura estática das Ordens Religiosas medievais. A sua admissão e aprovação como ordem religiosa pela Santa Sé suscitou não poucas perplexidades e polémicas por parte de críticos pertencentes a ordens clássicas, nomeadamente dominicanos e franciscanos, que entenderem

a dispensa de determinados protocolos e obrigações monásticas como uma forma de desvirtuamento da identidade da vida consagrada. Todavia, as inovações que a Companhia configura representam um esforço de actualização das ordens para preparar os institutos de vida consagrada para os grandes desafios da modernidade. Os desafios da proto-globalização inaugurada pelas viagens marítimas ibéricas e a possibilidade da evangelização planetária junto de um grande número de povos e culturas diversas, a expansão da reforma protestante, entre outros problemas internos e externos que se apresentavam à Igreja, estabeleceram um estado de urgência e de necessidade de organizações eficientes para realizarem uma acção eficaz e transformadora.

É por isso que a novidade institucional, bem como de métodos e es-

tratégias que facilitaram a afirmação metéorica da Companhia de Jesus na segunda metade do século XVI, fizeram desta Ordem uma Ordem de fronteira, situanda-a na fronteira das Ordens da tradição monástica medieval.

O grande pregador e missionário Padre António Vieira luso-brasileiro do século XVII encarna de algum modo no seu percurso, pensamento e acção o carisma da Companhia de Jesus, traduzindo bem, por sua vez, o espírito da Modernidade com o seu recentrar-se no homem e confiar nas suas possibilidades de colaborar ativamente com Deus na transformação do mundo.



Congresso Internacional Língua Portuguesa: Unidade na Diversidade, Cultura, Literatura, História, Linguística, Tradução e Ensino

Nos próximos dias 5 e 6 de Novembro, decorrerá na Universidade Marie Curie-Skłodowska, em Lublin, o Congresso Internacional **Língua Portuguesa: Unidade na Diversidade, Cultura, Literatura, História, Linguísti-**

ca, Tradução e Ensino, iniciativa à qual o CLEPUL se encontra associado.

Irão ser discutidos aspectos relacionados com a Linguística, a Literatura Portuguesa e Lusófona, a História e Cultura de Portugal e dos

países lusófonos, os estudos de tradução e a Didáctica e o ensino da Língua Portuguesa.

Annabela Rita, Dionísio Vila Maior e Petar Petrov, entre outros destacados professores, integram o Comité Científico deste congresso.

Colóquio Internacional em Homenagem a Judith Teixeira. As Mulheres e o Modernismo FLUL, 28 e 29 de Outubro de 2015

Judith Teixeira viveu numa época de mudança dos paradigmas sociais impostos às mulheres e a sua obra atesta-o. Por isso mesmo, tornou-se vítima de generalizado conservadorismo público, que vai repudiar a sua obra de 1923, *Decadência*, assim como as de Raul Leal, *Sodoma Divinizada*, e de António Botto, *Canções*, por representarem uma «literatura homossexual» ou «sodomita». Os seus livros foram queimados em praça pública, dando início a mais

uma polémica na literatura portuguesa. Depois disso, a (re)publicação da obra também sofreu um enorme hiato desde o último volume publicado: as novelas de *Satânia*, em 1927. Só em 1996 surge o conjunto *Poemas*, pela *É etc.*, tendo como responsáveis pelos estudos e pesquisas Maria José, Luís Manuel Gaspar e Vítor Silva Tavares; em 2002 e 2008, reaparecem o livro de poemas *Decadência* e as novelas de *Satânia*, em edição organizada por Mar-

tim de Gouveia e Sousa. Perfazem-se, assim, para Judith Teixeira, mais de 70 anos de invisibilidade. No momento em que vem a lume uma nova publicação da sua obra, intitulada *Poesia e Prosa de Judith Teixeira*, integrando poesias contidas num seu caderno manuscrito e uma conferência, ambos inéditos, pela Dom Quixote (com organização de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva) e uma futura edição da obra completa de Judith organizada por

Martim Sousa – justamente no ano da comemoração dos 100 anos da Revista *Orpheu* – este colóquio vem dar destaque a uma mulher que esteve à frente do seu tempo, tendo sido silenciada pela sociedade conservadora e, posteriormente, pela maioria da crítica académica.

Assim, propomos alguns tópicos de análise: Judith Teixeira revisitada (na prosa e na poesia); Judith Teixeira, as Teorias Queer e feministas em Portugal e na Europa no começo do século XX; As mulheres e a arte modernista nos contextos europeu e brasileiro; As mulheres escritoras e a

problemática de sua canonização; O lesbo e homoeroticismo nas literaturas portuguesa e brasileira.

A data limite para submissão dos resumos é 7 de Agosto de 2015.

Para mais informações consulte <http://coloquiointernacionaljudithteixeira.blogspot.pt/>

9 de Julho

FNAC Colombo: J. Paiva Boléo-Tomé, “Ciência & Ética”, iniciativa integrada no ciclo “Academia(s) em Interface: cursos & etc.”, coordenado por Annabela Rita e Pedro Saraiva

10 de Julho

RTP2 – participação de Isabel Ponce de Leão, juntamente com Fausto Neves, Vasco Pinto de Magalhães e Francisco Laranjo e a moderação de Rui Pego, no programa 1989 – Ciclos e Movimentos, dedicado à temática “A Cidade: Es-

paço de Liberdade ou de Repressão?”

10 a 12 de Julho

Auditório da Câmara Municipal de Pinhel: “A Santa Casa da Misericórdia de Pinhel”, com a participação dos investigadores: José Júlio Pinheiro (“As obras de misericórdia em António Vieira”), Joana Balsa de Pinho (“A Casa da Misericórdia de Pinhel no contexto da produção arquitetónica das Misericórdias portuguesas”) e Augusto Moutinho Borges (“A escultura de São João de Deus no Museu Municipal de Pinhel:

análise histórica e artística”)

24 de Julho

Auditório Adriano Moreira, Sociedade de Geografia de Lisboa: Madalena da Costa Lima, “Da Pena a Belém. A Conservação do Património Hieronimita entre o Grande Terramoto e o Limiar do Liberalismo: A Afirmção do Monumento Histórico e Nacional em Portugal” apresentação no Congresso Internacional – Os Jerónimos no Mundo Luso-Hispânico. História, Arte e Património



WORLD COMMUNICATION ASSOCIATION
2015 BIENNIAL CONFERENCE

Connecting Global Matters: Culture, Education and Geopolitics

A world map with a blue hexagonal grid pattern overlaid on it. The map is centered on the Atlantic Ocean. Labels for various countries are placed over their respective geographical locations. The labels are arranged in two columns: the left column lists Australia, Austria, Canada, China, Dubai, Finland, Indonesia, Greece, Italy, and Japan; the right column lists Korea, Malaysia, Nigeria, Peru, Philippines, Portugal, Russia, Thailand, and USA.

Australia
Austria
Canada
China
Dubai
Finland
Indonesia
Greece
Italy
Japan

Korea
Malaysia
Nigeria
Peru
Philippines
Portugal
Russia
Thailand
USA

July 30-August 3, 2015
University of Lisbon
Lisbon, Portugal
Study Tour follows from August 4-8, 2015



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



CLEPUL
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



Fernanda Gonçalves de Castro, *Utopia e Distopia. Testemunhar o Mundo em Pepetela (Estórias de Cães, Montanhas e Predadores)*, Lisboa, CLEPUL, 2014.
ISBN: 978-989-8577-29-0

ebook disponível em http://issuu.com/clepul/docs/fernanda_de_castro_ebook e em <http://pt.calameo.com/read/001827977269f3df996c6>

A literatura angolana tem um importante papel de consciencialização e (re)construção nacional, explorando a busca pela unificação e afirmação das identidades de países outrora colónias, tanto no período colonial, como na pós-revolução. Como mecanismos de desconstrução, a ironia e a utopia/distopia atravessam o discurso histórico-cultural e literário em *O Cão e os Caluandas* (1985), *A Montanha de Água Lilás: uma fábula para todas as idades* (2000) e *Predadores* (2005), de Pepetela. Estas obras repensam a complexidade da realidade pós-colonial em Angola sob o signo da relação e do percurso de utopia/distopia/utopia. Os romances pepetelianos desempenham um papel fulcral na asseveração da literatura angolana e na busca pela angolidade. Atra-

vés da reflexão sobre os «não-ditos» da História oficial, Pepetela alegoriza a desconstrução do herói e a (des)crença das utopias fracassadas através da poética do desencanto irónico e subversivo. Podem reconhecer-se várias dinâmicas na escrita pepeteliana que se alicerçam na reescrita da História e no papel reflexivo do leitor perante uma sociedade ficcionada que pode ser real. Assim, perspectiva-se uma vertente autorreflexiva do passado e do presente que a própria literatura promove.

É no sentido da consideração destes aspectos que esta obra se direcciona, partindo da definição e do estudo da utopia, distopia e os mecanismos da ironia, passando pela inter-relação entre o real e a ficção. Nesse sentido, procede-se à análise dos retratos pepetelianos desapieda-

dos, relativamente à utopia socialista e à decepção perante a decadência dos heróis-ícaros da revolução. Estas personagens simbolizam a distopia, marcando negativamente o período pós-independência.

Finalmente, será fulcral estudar Pepetela como um crítico social e humanista, «ainda» crente na Humanidade, que constrói utopias-esperanças a partir de distopias, subsidiando o real com recurso à literatura como instrumento de intervenção.



**Luiz Eduardo Oliveira, *A Historiografia Brasileira da Literatura Inglesa. Uma História do Ensino de Inglês no Brasil (1809-1951)*, Campinas, Pontes Editores, 2015.
ISBN: 97885711360905**

O ensino da literatura, na medida em que legitima a produção ou reedição de histórias literárias, tem a sua estrutura condicionada, em grande parte, pelos padrões dos livros de história da literatura indicados, ou adotados, mantendo-se pautado pela periodização e pela cronologia, apesar da multiplicidade de abordagens e correntes teóricas, ideológicas ou metodológicas. Há, no entanto, uma peculiaridade que diferencia o ensino de literatura de

língua inglesa do ensino de literatura brasileira – ou de língua portuguesa – no Brasil: a falta de proficiência linguística dos alunos, que muitas vezes não estão suficientemente capacitados para a leitura, compreensão e interpretação dos textos originais, bem como das histórias literárias escritas em inglês. Essa falta, provável consequência dos problemas enfrentados com o ensino e aprendizagem da língua na Educação Básica, é suprida na universidade com a

adoção e utilização de traduções ou obras em português que tratam do assunto. Foi justamente essa busca de publicações nacionais, na prática de ensino como professor de Literatura Inglesa da Universidade Federal de Sergipe, que despertou o interesse do autor em organizar uma historiografia brasileira da literatura inglesa, no intuito de estabelecer a sua relação com o processo de institucionalização do ensino de inglês no Brasil.

***Almeida Garrett. A Correspondência Diplomática (1834-1836)*. Introdução, edição e notas de Duarte Ivo Cruz e Ana Isabel Vasconcelos, Lisboa, CLEPUL, 2014.
ISBN: 978-989-8577-36-8**

ebook disponível em http://issuu.com/clepul/docs/almeida_garrett_correspondencia_dip e em <http://pt.calameo.com/read/001827977cc6895addf89>

Publica-se pela primeira vez na íntegra a correspondência diplomática de Almeida Garrett

como Ministro Plenipotenciário de Portugal junto da Corte e do Governo belga. Trata-se

de um conjunto vasto de cartas, conservadas no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério

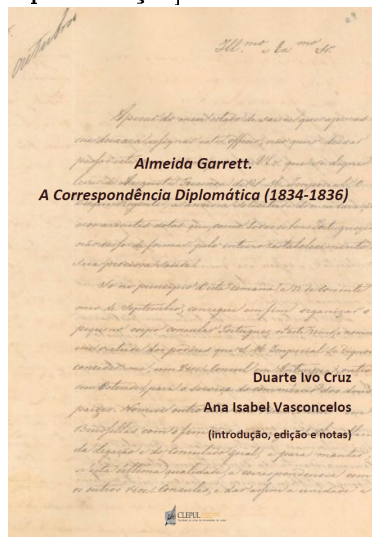
dos Negócios Estrangeiros, identificado como «legaço em Bruxelas (cx. 20-A)». Para além do interesse histórico destas missivas, encontramos nelas mais um testemunho claro das características essenciais de Garrett como grande escritor, como homem público dedicado e fiel à Pátria e à Coroa, mas também testemunho claríssimo da idiosincrasia e da psicologia do autor, da sua insatisfação, susceptibilidades e queixumes que marcaram a sua vida pública, na literatura como na política, e também a sua vida pessoal.

Não sendo todas estas cartas inéditas, apresentamos agora este conjunto como a primeira publicação desta correspondência na sua totalidade, permitindo uma visão mais sustentada de aspectos vários. Desde logo, porque constitui mais um testemunho da produção escrita de Garrett onde também se revelam, pese embora se não trate de peças de literatura, os traços distintivos da prosa do

autor das *Viagens*. Depois, porque se trata de textos com referências a personalidades e a acontecimentos coevos, o que, por si mesmo, constitui um manancial de informação, sobretudo respeitante às relações diplomáticas entre Portugal e os países da Europa Central.

No que toca ao conhecimento do autor, o conteúdo destas missivas encerra dados biográficos e políticos importantes, confirmando a visão moderna e avançada que Garrett tinha do papel a desempenhar por um representante diplomático num país estrangeiro. Por outro lado, e ao contrário do que se poderia esperar, encontramos patentes na letra dos textos que compõem este conjunto epistolar aspectos da personalidade de Garrett, que se revelam de forma surpreendente, se tivermos em mente que se trata de textos oficiais, com um elevado grau de formalismo, destinados sobretudo a «assuntos maiores», o que, à partida, ex-

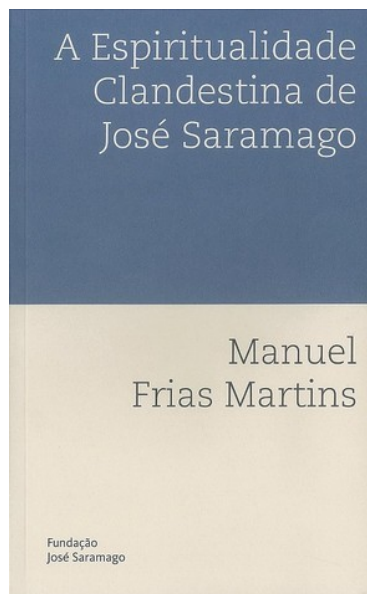
cluiria um tom pessoal ou confessional, mais próprio de uma correspondência privada. Na verdade, apesar do tratamento formal recorrentemente empregue, nomeadamente quando se refere à família real, o conteúdo de muitas das missivas revela aspectos privados, estados de alma que reflectem sofrimento, denunciando não raro inquietações do foro, se não íntimo, pelo menos marcadamente pessoal. [Excertos da **Apresentação**]



**Manuel Frias Martins, *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*, Lisboa, Fundação José Saramago, 2015.
ISBN: 978-989-95820-4-0**

Saramago pertence àquele grupo de escritores que parecem ter lido em toda a parte ou vivido em todo o lado, mapeando o humano por sinais identificáveis por todos ao mesmo tempo e decifrados por cada um à sua maneira. Tanto as suas construções ficcionais das atmosferas judaica e cristã como as observações subsidiárias que encontramos dispersas por entrevistas e artigos reflectem uma amplitude de referências culturais onde se abriga um extraordinário eclectismo filosófico e religioso ou, dito de

outra maneira, um conhecimento amplo do fundo cultural e religioso da humanidade, o qual é não raras vezes encarado como desafio à razão e à imaginação do próprio escritor. Possuidor de um espírito inquieto quanto à humana condição e de um coração ávido de justiça, o homem José Saramago é uma espécie de abrigo intelectual de um escritor que mistura criativamente os inúmeros conseguimentos do pensamento humano independentemente da sua proveniência histórica ou geográfica.



Marcelo Oliveira, *Em Busca do Tempo Presente. História e Sujeito em Augusto Abelaira*, Lisboa, CLEPUL, 2015.

ISBN: 978-989-8814-08-1

ebook disponível em http://issuu.com/clepul/docs/em_busca_do_tempo_presente_hist_r e em <http://pt.calameo.com/read/0018279772d0e9ae7db88>

Neste *Em Busca do Tempo Presente - História e Sujeito em Augusto Abelaira*, Marcelo

Gonçalves Oliveira, realizando sempre um exercício de análise e de interpretação da escrita

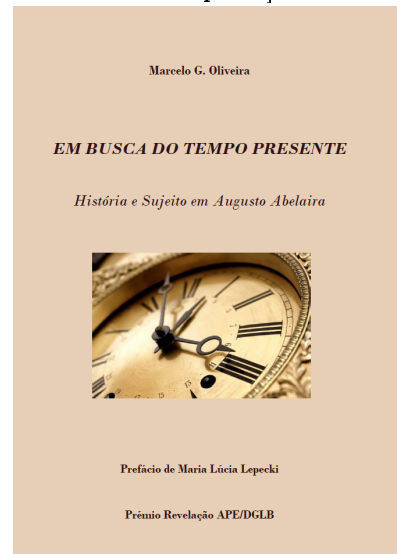
abelairiana, realiza também uma pessoal demanda de mais largos horizontes no campo da

teorização. A fusão, numa obra crítica, desses dois aspectos, é a quintessência do que à mesma crítica se pede: fazer caminhar o pensamento, buscar perspectivas que, sendo mais abrangentes, sem contradição propiciem circunscrições mais nítidas do(s) tópico(s) onde se centraliza a atenção do intérprete. [...]

Em Busca do Tempo Presente — História e Sujeito em Augusto Abelaira, sendo em primeira instância um texto analítico-hermenêutico e em segunda instância obrigatoriamente teorizante e teórico, instala (como creio ter suficientemente sugerido) Marcelo Gonçalves Oliveira no mesmo paradigma de pensamento de Augusto Abelaira. Se este fez romances-ensaios, alicerçados na procura do objecto inacessível (por isso o «escrevo sempre o mesmo livro»), Marcelo faz análise e hermenêu-

tica, ambas, desde alfa até ómega, puros ensaios, buscas de profundidades, indagações dos mistérios da palavra e do texto, dos mistérios da natureza humana, que habita o mesmo espaço da tensão irresolvida entre o próximo e o inacessível, entre o que se pode ou se julga poder e o que nunca poderá, efectivamente, ser. [...] Pelo menos mais duas virtudes devo registar no estudo de Marcelo Gonçalves Oliveira. A primeira é a clareza na exposição de ideias e argumentos muito complexos. Esta clareza, seguramente resultante de muito trabalho, muita paciência para pensar e para escrever, documenta, mais uma vez o digo, extraordinária maturidade intelectual, e grande domínio dos meandros de um espírito e de uma escrita tão complexos como os de Abelaira. A segunda virtude, de crucial importância num crítico

literário, é a elegância da escrita, o que se constata sobretudo na sintaxe mas não menos no léxico, administrados um e outro de modo a plenamente satisfazer o oficial do mesmo ofício, e, ainda, a auxiliar o neófito nos sinuosos caminhos da fruição e do estudo do texto literário. Lê-se Marcelo com proveito e prazer, com prazer e proveito. [Excerto do prefácio de **Maria Lúcia Lepecki**]



Norberto Dallabrida e José Eduardo Franco, *Jesuítas Ontem e Hoje. Releitura Histórica dos Jesuítas. Conversas com o Historiador José Eduardo Franco* (edição quadrilingue), Lisboa, CLEPUL, 2015. ISBN: 978-989-8814-01-2

ebook disponível em http://issuu.com/clepul/docs/jesuitas_ontem_e_hoje._releitura_hi e em <http://pt.calameo.com/read/001827977d6cbc32175af>

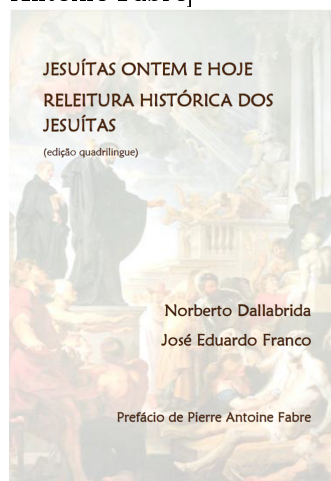
José Eduardo Franco é bem conhecido pela energia do seu empenho ao serviço da história da época moderna, bem expresso numa obra pessoal muito inovadora e através de uma série de projetos coletivos de grande envergadura, cujo impacto ultrapassa largamente as fronteiras do seu país. Mas este estudioso é menos conhecido pela intensidade da sua reflexão historiográfica: é um historiador contemporâneo, que sabe o que faz e porque o faz, hoje, no nosso tempo. O diálogo que lemos neste livro, aberto pelas quatro línguas aos quatro cantos do mundo, dá-nos disso uma bela demonstração com a participação atenta e bem informada de Norberto Dallabrida. [...]

Torna-se sobretudo interessante quando José

Eduardo Franco, na sequência do diálogo, abre a perspetiva sobre a história da Companhia de Jesus. Primeiramente, seguindo o destino de Vieira na literatura antijesuítica do século XVIII, como o fez num dos seus principais livros, tornando-o uma obra de história cultural, permitindo-nos repensar o sentido deste conceito: uma história de *mises en culture*, ou de que forma os escritos, vestígios de um passado, semeiam outros tempos nos quais produzem outros frutos, e de que forma esta sedimentação define uma das alterações, das transformações e mesmo das traições, mas que só podem ser entendidas a partir dessas suas raízes longínquas.

Regressar a Vieira, pela edição do seu legado intelectual, é também,

sem cessar, partir novamente dele para atravessar os oceanos imensos da cultura católica (romana, imperial e nacional) da Europa latina. É através deste duplo movimento que Franco quer evitar o duplo perigo de separar neste *continuum* cultural uma «lenda negra» ou uma «lenda dourada» da Companhia de Jesus. [Excerto do prefácio de **Pierre Antoine Fabre**]



Isabel Lousada e Vania Pinheiro Chaves (org.), *As Mulheres e a Imprensa Periódica*, vol. 2, Lisboa, CLEPUL, 2014.

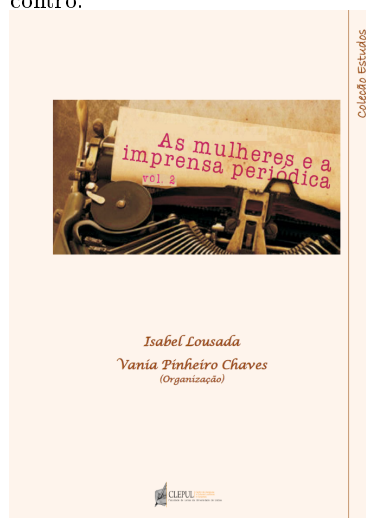
ISBN: 978-989-8577-21-4

ebook disponível em http://issuu.com/clepul/docs/as_mulheres_e_a_imprensa_peri_dica e em <http://pt.calameo.com/read/001827977b88bd814ba15>

Este livro reúne as comunicações apresentadas ao II Encontro Luso-Afro-Brasileiro «As mulheres e a imprensa periódica», que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), durante o mês de Julho de 2013, incluindo um elevado número de intervenções cobrindo um leque variado de temas entrecruzando saberes e abordagens. Das estratégias do mercado editorial, passando pela escrita de autoria feminina, diários, contos, crónicas, biografias, correspondência, foram alguns dos enunciados preenchendo

uma grelha programática que não esqueceu os discursos masculinos numa óptica comparativa. Autoras portuguesas como Maria Amália Vaz de Carvalho, Guiomar Torresão, Amélia Janny ou Inês Pedrosa, não foram esquecidas. Assim como as autoras brasileiras Eglê Malheiros, Palmyra Wanderley, Hilda Hilst, Cecília Meireles ou Nélida Pinón, foram lembradas. Não só os géneros, as filiações, as épocas, espelharam a riqueza e a diversidade pela pluralidade de intervenções havidas, mas também as abordagens com dife-

rente recorte, conferiram singularidade ao II Encontro.



SEMINÁRIOS [à Hora do Almoço]

3 de Julho

Sessão LXIX: Giacomo Sini, “Diferenças linguísticas entre o português

europeu e o português de Moçambique”

22 de Julho

Sessão LXX: Flávio Gar-

cia, “As controversas teorias da manifestação do insólito nos mundos possíveis da ficção miacoutiana”

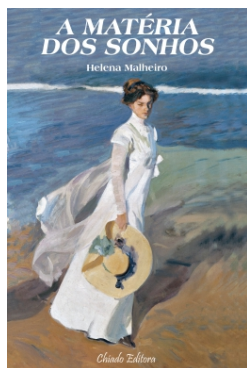
3 de Julho

Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa – *Flor de Maio. Poemas*, de Roberto E. Zwetsch, apresentado por Marcelo Ramos Saldanha



8 de Julho

Casa-Museu Medeiros e Almeida – *A Matéria dos Sonhos*, de Helena Malheiro, apresentado por Isabel Roboredo Seara e leituras por Pedro Paixão



16 de Julho

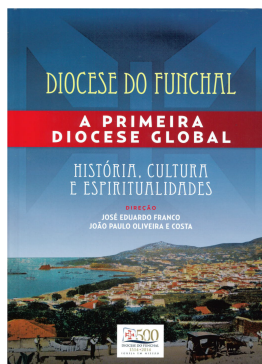
Livraria Escariz (Araçaju, Sergipe, Brasil): *A Historiografia Brasileira de Literatura Inglesa: Uma História do Ensino do Inglês no Brasil (1809-1951)*, de Luiz Eduardo Oliveira

17 de Julho

FNAC Madeira, Funchal: *As Malícias das Mulheres*, de Luísa Marinho Antunes, debatido em Clube de Leitura

21 de Julho

Salão Nobre da Reitoria da Universidade da Madeira – *Diocese do Funchal – A Primeira Diocese Global*, dirigida por José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa, apresentado por João Relvão Caetano

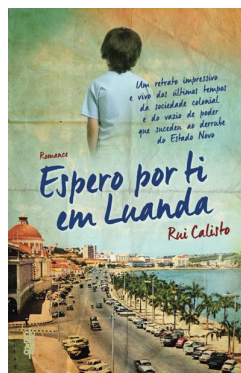


25 de Julho

Livraria Bertrand, Caldas da Rainha, Centro

Comercial Vivaci – *Espero por Ti em Luanda*, de Rui Calisto.

Houve lançamento, em 16 de Julho, na Livraria Bertrand do Chiado, com apresentação de Isabel Medina



29 de Julho

Livraria Férin, Lisboa – *L'Eternidade de las Yerbas / A Eternidade das Ervas*, de Amadeu Ferreira, apresentado por Ernesto Rodrigues



Vieira na Antena 2

Entrevistas aos coordenadores dos volumes e outros responsáveis, no programa *Última Edição*, de Luís Caetano

- | | | |
|--|---|--|
| Com Luís Machado de Abreu – 29 de Abril
http://www.rtp.pt/play/p303/e193812/ultima-edicao | Com Porfírio Pinto – 22 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e196191/ultima-edicao | http://www.rtp.pt/play/p303/e199138/ultima-edicao |
| Com Ricardo Ventura – 1 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e193810/ultima-edicao | Com Pedro Calafate – 29 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e196906/ultima-edicao | Com Carlos Fiolhais (Parte 2) – 24 de Junho
http://www.rtp.pt/play/p303/e199138/ultima-edicao |
| Com Miguel Real – 6 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e194563/ultima-edicao | Com Aida Lemos – 3 de Junho
http://www.rtp.pt/play/p303/e198274/ultima-edicao | Com Carlos Maduro – 26 de Junho
http://www.rtp.pt/play/p303/e200082/ultima-edicao |
| Com Joana Balsa de Pinho – 8 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e194565/ultima-edicao | Com Guilherme d'Oliveira Martins – 5 de Junho
http://www.rtp.pt/play/p303/e198278/ultima-edicao | Com David Sampaio Barbosa – 1 de Julho
http://www.rtp.pt/play/p303/e200342/ultima-edicao |
| Com Aida Lemos – 13 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e195112/ultima-edicao | Com Ana Leal de Faria – 10 de Junho
http://www.rtp.pt/play/p303/e198286/ultima-edicao | Com Paulo Borges – 3 de Julho
http://www.rtp.pt/play/p303/e200879/ultima-edicao |
| Com Paulo de Assunção – 15 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e195497/ultima-edicao | Com José Eduardo Franco e Pedro Calafate – 12 de Junho
http://www.rtp.pt/play/p303/e198742/ultima-edicao | Com José Pedro Paiva – 8 de Julho
http://www.rtp.pt/play/p303/e201252/ultima-edicao |
| Com Ernesto Rodrigues – 20 de Maio
http://www.rtp.pt/play/p303/e195804/ultima-edicao | Com Carlos Fiolhais (Parte 1) – 19 de Junho | Com Martinho Soares – 10 de Julho
http://www.rtp.pt/play/p303/e201453/ultima-edicao |

Entrevistas no programa *A Ronda da Noite*, de Luís Caetano

- Padre António Vieira, a *Obra Completa*. Luís Caetano entrevista José Eduardo Franco e Pedro Calafate, coordenadores gerais de um dos maiores projetos da edição portuguesa – 27 de Abril
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e193167/a-ronda-da-noite>
- José Eduardo Franco e Pedro Calafate, continuação da conversa sobre o Padre António Vieira – 4 de Maio
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e193802/a-ronda-da-noite>
- A história de um projeto editorial: *A Obra Completa do Padre António Vieira*. Com Guilhermina Gomes, José Eduardo Franco e Pedro Calafate – 11 de Maio
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e194564/a-ronda-da-noite>
- As pessoas e os processos de uma obra de património ímpar, a *Obra Completa do Padre António Vieira* – 18 de Maio
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e195498/a-ronda-da-noite>
- Hoje ouvimos José Saramago sobre o Padre António Vieira, e também alguns dos principais responsáveis pela edição da obra completa – 25 de Maio
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e196199/a-ronda-da-noite>
- O Padre António Vieira político, diplomático e missionário, numa conversa com Luís Machado de Abreu e Ricardo Ventura – 1 de Junho
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e196904/a-ronda-da-noite>
- Uma conversa sobre Vieira, nome poliédrico, com Luís Machado de Abreu e Ricardo Ventura, segunda parte de um encontro – 8 de Junho
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e198267/a-ronda-da-noite>
- A influência do Padre António Vieira ao longo do tempo. Uma conversa com Annabela Rita, José Eduardo Franco e Bruno Cardoso Reis – 15 de Junho
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e198275/a-ronda-da-noite>
- Segunda parte do debate sobre a influência do Padre António Vieira noutros autores, ao longo do tempo. Uma conversa com Annabela Rita, José Eduardo Franco e Bruno Cardoso Reis – 22 de Junho
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e199140/a-ronda-da-noite>
- Padre António Vieira, um projeto global, a seguir para mais de 14 países em novas edições. Luís Caetano recebe em estúdio 7 tradutores do padre jesuíta – 29 de Junho
<http://www.rtp.pt/play/p1299/e200088/a-ronda-da-noite>
- A rádio recebe 7 tradutores do Padre António Vieira, 2ª parte de um programa que é uma verdadeira sociedade das nações. O projecto Vieira Global chega a mais de 14 países em novas edições – 6 de Julho

<http://www.rtp.pt/play/p1299/e200871/a-ronda-da-noite>

A Ronda vai ao tempo de D. João IV, com o Padre António Vieira e José Pedro Paiva – 8 de Julho

<http://www.rtp.pt/play/p1299/e201248/a-ronda-da-noite>

Uma conversa com Martinho Soares, sobre os Sermões Hagiográficos do Padre António Vieira – 10 de Julho

<http://www.rtp.pt/play/p1299/e201446/a-ronda-da-noite>

A *Ronda* recebe 25 embaixadores da obra do Padre António Vieira,

cujo talento, saber, persistência e dedicação, junto com os de outros tantos, edificaram um marco na edição em Portugal. Final de uma série de programas dedicadas ao imperador da língua – 12 de Julho
<http://www.rtp.pt/play/p1299/a-ronda-da-noite>

Lançamento da Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares e a Globalização (CIDH)

Tem lugar hoje, 21 de Julho, pelas 11h, no Funchal, a apresentação pública da recém-criada CIDH - Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização. A sessão conta com a presença do Prof. Doutor Paulo Dias, Reitor da Universidade Aberta, e do Doutor Jorge Carvalho, Secretário Regional da Educação.

Cátedra Convidada FCT, a CIDH tem sede na Universidade Aberta, promovida pela APCA (Agência para a Promoção

da Cultura Atlântica), pelo IAC (Instituto Açoriano de Cultura) e pelo CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), ao abrigo do consórcio celebrado entre a Universidade Aberta e a Universidade de Coimbra.

A crescente proliferação dos estudos insulares e a importância que cada vez mais as ilhas assumem no panorama internacional impunha a

criação, na Universidade portuguesa, de uma cátedra especialmente vocacionada para os estudos das ilhas lusófonas ou ligadas à comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa.

O arranque da CIDH é assinalado pela realização, pela primeira vez em Portugal, da Conferência Internacional da World Communication Association, a decorrer em Lisboa entre os dias 30 de Julho e 3 de Agosto, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro